

LUCIANO PEREIRA



LUCIANO José dos Santos Baptista PEREIRA

lucianop@mail.telepac.pt

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês),

Mestre em Literaturas Medievais Comparadas

Doutor em Línguas e Literaturas Românicas

Provas Públicas para Professor Coordenador (aprovado por unanimidade com mérito absoluto e mérito relativo)

PUBLICAÇÕES

1. Comunicações e artigos sobre o ensino da língua materna:

O telejornal na aula de Português

As cores da língua portuguesa como expressão de cultura

L'interculturel, l'audiovisuel et l'enseignement des langues

A cultura açoreano-catarinense (Brasil meridional) na obra de Frankelin Cascaes

Paiva Boleo e a cultura açoriano-catarinense.

2. Ensaaios:

Os bestiários franceses do Século XII

O bestiário e os contos tradicionais portugueses

O universo do imaginário

A fábula em Portugal

3. Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração):

A cidade

O mundo das línguas

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986)

Formando, Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1996/2009)

Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)

Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)

Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002/2005)

Membro da Direção Central do S.P.G.L. (2003-2006)

Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)

Países de Permanência:

Bélgica (Escolaridade obrigatória – conclusão do terceiro ciclo)

França (Curso de verão do Centro de Estudos Superiores de Civilização Medieval)

Alemanha (coord. do Ensino de Língua e Cultura Portuguesas - Embaixada Portuguesa em Bona.)

Brasil – Estado de Santa Catarina (Pesquisa sobre a Cultura açoriano-catarinense)

Espanha, Itália, Inglaterra, França, Bélgica e Alemanha (Programas europeus).

A ilha no imaginário poético de temática açoriana.

LUCIANO J. dos Santos Baptista PEREIRA, ESE INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

Síntese

A presente comunicação deriva de um trabalho pedagógico realizado em Angra, em 1995, em torno da escrita criativa e do espaço açoriano.

Da leitura rápida dos vários textos havia pressentido o caráter bipolar do imaginário ilhéu açoriano. A carga simbólica da ilha alternava entre a atração original dos espaços utópicos e paradisíacos e o sentimento claustrofóbico dos espaços que oprimem, subjagam e aprisionam. Este sentimento de atração e de repulsa, de amor e de ódio, esta necessidade de mergulhar na mais íntima das intimidades, numa procura mística de si e de partir para longínquas paragens à descoberta dos outros pareciam-me ritmar o imaginário ilhéu tal como se do movimento das ondas se tratasse.

João Afonso, Vasco Pereira da Costa, Bernardete Falcão, Maria Antónia Esteves, Carlos Faria, Almeida Firmino, José Martins Garcia, Eduíno de Jesus, Vitorino Nemésio, João de Melo, Luíza de Mesquita, Rui Peixoto, Eduardo Ferraz da Rosa, Alberto Borges dos Santos, Pedro da Silveira, José Simas, Coelho de Sousa, Gabriel Ferreira de Sousa, Sophia de Mello Breyner Andresen, Al Berto são os poetas visitados.

Pela sua voz, na sua relação com o imaginário ilhéu, tal como o bater do coração, ora mergulhamos nos sentimentos mais depressivos e claustrofóbicos, sofrendo do mal da insularidade, procurando a qualquer preço a heroica libertação que representa a partida, a distância e a linha do horizonte, ora extasiamo-nos, religiosamente, com a perfeição de uma sociedade primordial, onde reina a sabedoria, a ciência e a paz.

1. Arquétipos, mitos e intertextualidades

Antes de ser escrita o poema é voz, canto, música, movimento e ritmo. Cada texto guarda na memória as suas origens, a sua dimensão mágica, segredos de tempos primordiais em que a palavra era mediadora entre este mundo e o outro, em que a poesia presenteava, atualizava e humanizava o divino. Qualquer poema, tal como qualquer texto literário, está imbuído de uma memória coletiva, constituída pelo conjunto dos outros textos individuais com os quais partilha sonhos, valores, ritmos e formas. Tal memória ultrapassa obviamente a experiência individual do vivido, projeta-se para o futuro, para o espaço das vivências pressentidas. Tal memória estrutura-se como um núcleo ideológico e formal que se pode consubstanciar na forma de múltiplas figuras e uma diversidade textual. Tal memória ultrapassa o velho conceito «kristeviano» de “intertextualidade” (Kristeva, 1979,139-169), de “arquitexto” (Genette, 1979), de “hipotexto” (Genette, 1992,13) ou mesmo de “Modelo de competência genérica” (Genette, 1992,13). Trata-se mais de um núcleo gerador, a partir do qual se desenvolvem novas ideias, imagens e formas, novos dispositivos e novas linguagens em novos contextos, núcleo que está na origem de qualquer “Transcendência textual” (Genette, 1992,7).

É inevitável reconhecer que a criação literária procede a uma transmutação dos arquétipos e dos mitos coletivos em mitos, idiossincrasias, textos e estilísticas individuais. Tais núcleos participam da complexa rede do universo simbólico e, como todos sabemos, o símbolo afirma-se resistindo, em parte, aos signos do universo discursivo e, em parte, às categorias puras do imaginário. A função simbólica, tal como a função poética, vela e revela, evoca e convoca e torna presente o mistério pelo qual constantemente se recria.

“La fonction symbolique est inséparable de son « orientation sacrée » ou de sa visée hiérophanique des puissances « numineuses » ou « non-humaines » auxquelles les mythes et les rites reliaient l'être humain en « ré-unifiant » l'anthropos et le cosmos para la puissance du logos qui n'est pas ici langage mais verbe et parole « ressuscitée », « re-crée », au delà du sens culturel et social des « mots de la tribu ».” (Alleau, 1989, 60)

2. A ilha enquanto núcleo gerador e ponto-cruz do imaginário

O símbolo é sempre um espaço de fusão do mundo, ponto-cruz do imaginário:

“L'omphalos des Grecs, le nombril du monde des anciens, l'escalier rituel de tant de religions, l'échelle des dieux. Par là on passe du ciel à la terre, et vice versa. Par là l'espace le temps et l'éternité communiquent.” (Champeux et Sterckx, 1981,31)

Durand, na linha de Eliade (1963 e 1977), refere que a realidade prolonga e atualiza um arquétipo celeste, em torno de um eixo, um “omphalos”, centro do mundo, casa, templo, cidade árvore, montanha ou ilha e acrescenta que qualquer espaço naturalmente limitado, fechado, é sempre uma manifestação do sagrado: “...o que acima de tudo sacraliza um lugar é o seu fechamento: ilhas de simbolismo amniótico ou então floresta cujo horizonte se fecha por si mesmo” (Durand, 1989,170). O fechamento, de forma arquetípica, corresponde, à forma redonda que representa um microcosmo ou a “cosmicização” do arquétipo da intimidade feminina. A polivalência semântica dos elementos tornados símbolos, tal como a ilha, é o sinal da ambivalência imagética que afirma a riqueza das tonalidades elementares da percepção humana. Esta ambiguidade fundamental desenvolve-se dialecticamente entre a introversão e a extroversão:

“Finalement toutes les images se développent entre les deux pôles, elles vivent dialectiquement des séductions de l'univers et des certitudes de l'intimité (...). Chaque image (...) devra donc recevoir toutes ses valeurs. Les images les plus belles sont souvent des foyers d'ambivalence.” (Bachelard, 1984,10).

As ilhas têm povoado o imaginário universal como espaço de origem e de retorno, vejam-se os mitos celtas e os mitos germânicos da criação:

“Odin e seus dois irmãos mataram Ymer. Do seu corpo fizeram a terra, os Céus do seu crânio e o mar do seu sangue. No Céu colocaram tições de Muspelheim e surgiram, assim o Sol, a Lua e as estrelas. A terra era redonda e rodeada pelo mar...” (Hamilton, 1983,472)

O imaginário ocidental acrescentou-lhes, desde a Atlântida de Platão (1985,525-547), a áurea de uma geografia humana muito específica pela sua originalidade, exibindo uma organização social e política “a-típica” e “u-tópica”.

A Idade Média associa-as ao simbolismo do castelo inexpugnável (que frequentemente se encontra rodeado de água), reforçando todavia o seu simbolismo espiritual tal como na Nauigatio Sancti Brendani (ed. Crítica de Nascimento, 1998). São os espaços privilegiados para o sagrado e para as artes mágicas, habitação eterna dos magos e dos reis, tal como o Rei Artur, espaços de encantamento e revelação. A ilha Perfeita é o destino iniciático do cavaleiro virtuoso, Nela estão construídas sete formosas casas encantadas celebrando as sete virtudes. A oitava encerrará todas elas e só poderá ser conquistada pelo cavaleiro perfeito. (João de Barros, I, pp. 304-312). É, certamente, neste imaginário que se enraíza a lenda da lagoa das sete cidades, enquanto memória da perfeição, virtude, sofrimento e puro amor.

3. A ilha como estética e como escrita

O Homem, ao tomar consciência de si, vê-se rodeado de espaço. Crescer é afirmar-se no espaço, é assumir uma temporalidade, é criar e destruir limites, criar-se e recriar-se na procura do equilíbrio que exige um movimento de constante aprofundamento e distanciamento de si. O poema, tal como a ilha, é uma das expressões desse movimento, é a própria recriação do seu criador, o poema tudo cria e recria dentro e fora de si. A ilha, tal como o poema, convida para o descanso, para as delícias e para as intimidades do centro assim como incentiva para a linha do horizonte, para o sonho, para uma espécie de memória, de outros mundos, de

outras almas e de outros corpos. Não nos esqueçamos que o poema enquanto objeto simbólico nunca deixa de operar a dois níveis, o do universal e do particular:

ILHA DO MAR

*Julguei-me Criador predestinado,
E levantei, no mar dos meus desertos,
Uma ilha.*

(...)

Ilha do mar desabitada

E eu...

Ilha do mar e nada,

Morreu

O Eu-não-eu.

Coelho de Sousa in «Atlântida» vol. II, N.º 1 (RGC, 252-253)

No plano da estética, e da expressão literária em particular, os percursos iniciáticos por espaços com tão forte carga simbólica desencadeiam emoções tão intensas que permitem regressar às formas socialmente e intelectualmente consagradas pela sabedoria popular, trata-se do regresso ao espaço uterino da própria originalidade poética:

AÇORES

(...)

E foi na Terceira

Com o mar à proa

Que nasceu a mãe

Do poeta Pessoa

Em cujo poema

Respiro amplidão

E me cerca a luz

Da navegação

(...)

Poema onde está

A palavra extrema

Que une e reconhece –

Pois só no poema

Um povo amanhece

Sophia de Mello Breyner Andresen in «O Nome das Coisas», 1977, (Obra Poética III, 235-236)

4. A Ilha enquanto expressão da interioridade e da exterioridade.

As representações da ilha estão longe de ser linearmente ingénuas ou insignificantes. Cada poema apresenta uma “tessitura” de estratégias e elementos simbólicos que denunciam uma trágica nostalgia pela degradação humana e pelo paraíso perdido. A criação literária permite a afirmação de um modo superior de ser e de estar na palavra, o texto permite uma recuperação da dignidade perdida e da própria condição humana. A «Ilha» visitada não é uma mera criação cultural. É, na realidade, um conjunto de ilhas: as Ilhas dos Açores. A imagem que delas emana contribui para melhor entendermos a complexidade do espaço ilhéu enquanto arquétipo. As múltiplas conotações da insularidade não se limitam, como é óbvio, ao fenómeno da açorianidade. A «Ilha» que emana dos nossos poetas¹⁴⁷ adquire uma dimensão especial, não só por ser o produto cultural de experiências e vivências múltiplas, mas pela relação que estabelece com cada representação em particular. A “nossa Ilha” está mais perto do seu arquétipo, que qualquer das ilhas que contribuiu para a sua construção. Por estarmos perante uma construção do inconsciente coletivo, não podemos deixar de constatar contradições e aparentes ilogismos. A ilha enquanto centro cósmico, espaço sagrado, imagem completa e perfeita da Grande Ordem, afirma-se como um espaço onde o indivíduo se dilui, saturado de tanto silêncio, de tanta solidão, e de tanto aperto. “a sua «plurissignificação» tem um «peso quase insuportável...” (Pimentel 1988, 238)

Na ilha entre céu, terra e mar o poeta imagina-se, sofre e recria-se. Nem a vida nem a morte, nem a natureza nem a cultura que o criaram lhe bastam. No horizonte vislumbra-se o “El Dorado”. Abundantes são os textos que nos contam a história da emigração e da busca da terra prometida; assim como da fuga à servidão e à submissão, tal como “Ilha” de Pedro da Silveira que, segundo Pimentel, pertence ao conjunto de textos que Starobinsky classifica «como a expressão microscópica do universo no qual nasceram». São emblemas reduzidos, resumos simbólicos. “Texto e contexto são vasos comunicantes. A um tempo, há reprodução e produção.” (Pimentel, 1988, 237)

ILHA

¹⁴⁷ A maior parte dos textos dos poetas açorianos referidos foram extraídos da Antologia Poética dos Açores de Ruy Galvão de Carvalho (1979) identificada ao longo do texto com as iniciais RGC, seguida do número da página donde foi extraído o poema.

Só isto:
 O céu fechado, uma ganhoa
 pairando. Mar. E um barco na distância;
 olhos de fome a adivinhar-lhe, à proa,
 Califórnia perdidas de abundância.
 Pedro da Silveira in «A Ilha e o Mundo», 1953 (RGC, 208)

PARA TI, QUE FICAS PARADO
 Para ti
 que ficas parado
 a olhar o vapor que se some lá ao longe
 e depois, vergas a cabeça para terra
 e a ela arrancas um pão que sabe a sonhos mortos;
 para ti,
 sonhador de viagens que nunca farás
 e terras férteis alongando-se para todos os horizontes
 e cidades onde a vida não é este monótono repetir
 das mesmas coisas todos os dias;
 para ti
 que quiseste ser rancheiro,
 pesquisador de ouro,
 operário das fábricas e das Canárias
 (...)
 Pedro da Silveira in «A Ilha e o Mundo», 1953 (RGC, 209)

Os espaços de origem podem estar carregados de uma força magmática tão incandescente e caótica que se tornam insuportáveis e ameaçadores.

ABALO DA TERRA
 Senhor, a nossa Ilha
 É pasto já do pó antecipado.
 - Susto, foi tão duro o alçar da sua mão.
 Que nem égua, terra ou água, ai!
 Se deu por mansa no seu tino.
 (...)
 Eduardo Ferraz da Rosa, 1980 (RGC, 468)

Pela poesia do desassossego e da inquietude, o poeta quebra a casca do ovo primordial e ensaia o seu voo cósmico para paragens distantes onde acenam ilusórias esperanças e emoções de outros mundos e outras gentes. A ilusão e a desolação são proporcionais à imensidão. Saradas as feridas do isolamento, apenas resta o regresso ao sonho e à ressaca da noite atlântica:

O REGRESSO DE ANTÓNIO DA COSTA
 decidira partir para sempre e onde morei
 não vivia junto aos homens que fugidos aos sismos
 à lava ao isolamento das fajãs andavam
 pelo mundo espalhando oceânicas linguagens
 sem se preocuparem onde começava ou terminava a realidade

levei anos sarando o tempo do arquipélago
 a desolação grandiosa dos continentes e
 chegado aqui abro as mãos para esquecer o fogo
 que me devorou a obra em Lisboa – recomeço a pintar:
 a flor, a máscara e eu adolescente

reacendo em mim a ressaca da noite atlântica
 convoco um rosto com todas as coisas escuras
 que dele nascem e arrepiam a pele o sexo e a alma

regresso ao sonho onde
 na magoada e distante ardência das ilhas
 duas sereias andam à caça de um anjo mudo
 Alberto in «A Secreta vida das Imagens», 1991, 41

Regressar à ilha é regressar à intimidade do espaço original, trata-se de se apropriar de um “tempo-espaço” místico que permite ao Eu poético recriar-se ou diluir-se nos desejos passionais da fusão”:

SOU FEITO DE MAR
 Sou feito de mar
 e nasci da lava mal fria

nas minhas veias gira aceso
 o magma profundo

*meu corpo arremessa pedras
bagacina
areias negras de lutas
marinhas*

*braços de vento salgado abraço
a ilha avistada
(...)*

Vasco Pereira da Costa in «*Memória da Água-Viva*», Dezembro de 1979, n.º 5 (RGC, 415-416)

ESTE O POVO DA ILHA

*Este o povo que nasceu do mar. Veio-lhe o sangue
do sal. Suas veias boiaram outrora
entre cabeleiras de algas e fungos de basalto.
Abriu-se-lhe a boca no remoto esquecimento
dos búzios. Memória são as conchas desertas
o calhau rolado arenoso silêncio sobre rocha.
(...)*

João de Melo in «*Navegação da Terra*», 1980 (RGC, 424-425)

A apropriação do espaço original implica sempre uma apropriação do tempo mítico e vice-versa, tal apropriação apresenta sempre uma sacralização através do sacrifício pessoal. Trata-se de uma experiência psicológica única e intransmissível, numa dimensão do espaço-tempo para lá do mundo empírico. Esta conquista simbólica do espaço utópico e “a-temporal” corresponde sempre à inibição dos impulsos conquistadores e heroicos e a um desenvolvimento de um estado de consciência místico que leva a uma maturação espiritual e a um progresso ontológico que aspira sempre, de certa forma, à imortalidade:

MENINO ILHA

*O meu menino tem nos olhos
uma pedra
e uma alga
foi gerado no cais
com navios de ficar
e traz no ventre os faróis
de todos os portos
tem corpo de ilha
com uma hortênsia nos lábios
e um vulcão no sexo
tem nas mãos um continente
virgem
secreto
tem nos dedos um sonho
selvagem
louco
passeia pesadelos
pela noite insular
e bebe desejos
na curva dos meses*

*o meu menino não tem alma
para morrer
no mar!*

José Simas in «*A Margem*», 1979 (RGC, 428-429)

Esse é o tempo e o espaço dos iniciados, dos que peregrinam mar às costas, para o inefável, em rituais de passagem cuja única forma de expressão é a própria capacidade criadora. O retiro, a solidão e o silêncio constituem as vias para esse encontro místico que a psicanálise chama «processo de individuação» (von Franz in Jung, pp. 158-229):

A CONCHA

*A minha casa é concha. Como os bichos
Segreguei-a de mim com paciência:
Fachada de marés, a sonho e lixos,
O horto e os muros só areia e ausência.
(...)*

Vitorino Nemésio in «*O Bicho Harmonioso*», 1938 (Obras Completas, vol. I, 131).



o sofrimento é da ilha
 o ilha está no fundo dum poço
 no fundo dum poço sofre uma ilha
 (...)
 José Martins Garcia in «Atlântida», n.º 1 – 3, 1967 (RGC, 353)

ILHA
 (...)
 Na ilha tudo é vão
 Até que um dia
 A gente mistura
 As lágrimas, a saudade, a solidão
 E o adeus
 E nos agarramos
 À muralha
 Com olhos de fúria,
 Braços de ódio
 E vontade de pão
 E assim pelo caminho do mar
 Fugimos da prisão.

Para um novo adeus,
 Para uma nova saudade,
 Para outra solidão...
 Rui Peixoto in «Dos jornais» (RGC, 487-488)

Em muitos dos textos que expressam o sofrimento, a ilha sufoca, o horizonte aprisiona, a solidão aperta, os sonhos diluem-se, a fome delira, os desejos incendeiam-se ocultando amores impossíveis ou imaginários.

6. A ilha encantada

Os textos que atualizam a ilha arquetípica, enquanto centro espiritual, sociedade primordial, microcosmo à imagem do macrocosmo sublimam a dor, a ansiedade e angústia da solidão. A ilha surge, neles, como o símbolo perfeito da origem, símbolo do próprio símbolo, de uma imaculada concepção, ostentando uma densidade sacral, que a torna matriz das virtudes, longe dos defeitos e impurezas humanas. “A ilha é, pois, simbolicamente, um lugar de eleição de ciência e de paz, no meio da ignorância e da agitação do mundo exterior.” (Buescu, 1991,167):

ORIGEM
 Lá, onde o grande estuário
 do rio da vida
 pressagia a infinita
 morte oceânica

 cresce
 a árvore marginal
 em cujos ramos o canto
 dos poetas floresce.
 Eduíno de Jesus in «O Rei Lua», 1955 (RGC, 277)

A ILHA
 (...)
 A ilha é aqui onde o coração do mar
 se povoa de sonhos e os homens
 se agigantam de ternura!

O Homem ilhéu é arquiteto dos 360
 graus da viagem: a catedral cósmica,
 do basalto, feita rosa fria perdida nas marés!

Ilha: o espaço de cantar e o tempo de florir, pessoas
 e pedras!
 Carlos Faria, São Miguel, Inverno de 1979 (RGC, 290)

EM LOUVOR DOS AÇORES
 As nossas ilhas queridas
 Com que este solo é formado,
 São nove estrelas caídas
 Do firmamento azulado.

Suas belezas infinitas,
 Abençoadas por Deus,

*Ornam as ilhas mais lindas
Que estão debaixo dos Céus.
(...)
Gabriel Ferreira de Sousa in «Plantas sem Flor», 1972 (RGC, 133)*

7. A ilha enquanto espaço de expressão lírica

Se tivermos em conta que o texto poético é sempre uma atualização da palavra primordial, teremos que encarar a escrita como a expressão ritual de uma revelação ou como uma experiência psicológica com caráter místico e iniciático. Num tal contexto, para além do tempo e do espaço desempenham papel relevante, como elementos constitutivos, as expressões da intimidade, dos afetos e das paixões.

O lirismo atravessa os textos expressando a saudade e o desejo pela terra amada. A ilha é confidente e amante. Estamos perante uma forma de amor iniciática que exige recato, sofrimento e reclusão. Nela o amor permanece e perde-se no tempo primordial:

*A ILHA
(...)
Vejo a ilha...
Mirando-se nas transparências azuis
num prazer mais que físico e sensual,
concha aberta ao sol na orla da praia
dando seus segredos aos olhos do mar...*

*Vejo a ilha...
Onde ficou para sempre meu primeiro amor
Sozinho e perdido na solidão do tempo
Como a praia deserta depois da chuva...*

*Fecho os olhos e vejo a ilha
- meu deserto de areias verdes...
Luíza de Mesquita in «Mar Incerto», 1975 (RGC, 266)*

O Eu poético, enamorando-se da ilha, enamora-se da sua própria capacidade de amar e descobre assim o valor da sua experiência mística. Fundindo-se com a imanência, descobre novas formas de saber e de se conhecer a si próprio. O retorno às origens, tal como o exílio, constitui sempre um ritual de purificação. Regressar à ilha ou retirar-se para o centro da ilha pode representar, todavia, a forma mais dramática de distanciamento, uma afirmação mística do ser não sendo, uma castração voluntária, uma morte simbólica, transitória ou real.

*ILHAS E EU
Em mim palpitam fogos de vulcão,
Meu peito referve em lava incandescente;
Um géiser é minha inspiração;
Meus versos, caldeiras de lodo fervente.*

*Medo e horror nas ilhas – em mim,
Nelas e em mim pavor de morrer;
De um dia acabar por dizer sim
E de, com esse gesto, me perder.
Maria Antónia Teodósio de Fraga Esteves, 1972 (RGC, 433-434)*

8. A ilha e a sua “áurea mediocritas”

A “áurea mediocritas”, que encontrou em Horácio o seu doutrinador, e que se prolongou até ao Romantismo parece querer afirmar-se como a estética natural da intimidade, do misticismo e das declarações de amor à ilha.

*SÃO JORGE! SÃO JORGE!
(...)
Terra de caça e mar de pesca
onde não pesco nem caço
contente que estou com fauna
e flora no seu calmo movimento
de tudo acontecer sem acontecer!
Carlos Faria in «S. Jorge – Ciclo da Esmeralda», 1979 (RGC, 291)*

ILHA SEM VOZ

*Descobre-te, montanha sol!
Temos que fecundar
O ventre da terra
De todas as raízes.
Transformar os homens
Em homens felizes.
(...)*

Almeida Firmino in «Tailândia», 1976 (RGC, 310-311)

9. A ilha como espaço da utopia

A ilha assume a forma e todas as conotações do espaço sagrado. A costa abrupta e a imensidão do mar constituem a proteção em relação ao mundo do exterior, preservando-a da degradação e da deterioração que ameaçam com o caos a ordem social e a ordem cósmica. Envolta na neblina do tempo, a ilha está protegida da devassidão, da ignomínia e do sangue, encontra-se a harmonia social, a solidão, a virtude e Deus». Os poetas da intimidade afirmam de forma implícita a ideologia própria dos espaços de exceção: a utopia com toda a sua polivalência semântica, termo que Thomas More criou para designar um espaço insular fora do espaço e do tempo, afirmando assim, de forma ambígua, a impossibilidade da sua existência. More, contudo, referia-se a um sistema social e político, enquanto os textos visitados apresentam-nos um sistema de valores morais típicos da própria insularidade. Os poetas da intimidade recusam a partida e os retornos, recusam o sofrimento e a saudade. Resistem aos apelos, estão, ficam e são. São eles que recuperam o mito da Atlântida, da «ilha perdida», são eles que exorcizam as ilhas desafortunadas ou as da má-fortuna, apontando para um futuro que se pode confundir com um regresso ou um retorno às origens e às Ilhas Afortunadas. A ilha, tal como a «ínsula» de More pode corresponder ao conceito de uma micro sociedade, preservada de qualquer corrupção exterior:

POEMETO DA ILHA TERCEIRA

Ilha!

Um perfume de flores. Um cheiro a maresia
E o teu povo, leal que não conhece A hipocrisia.

(...)

Ilha!

Tuas noites... o sonho
Para tudo em redor
A lua deita a rede sobre o mar
E traz Amor.

Ilha!

Tudo -o que é fé e ardor
Tudo o que é puro e bom
Tudo o que tem calor
De sol e simpatia!
Tudo o que em nós trazemos
Todo o amor à vida
E a angústia de viver.
Mistérios e segredos
Num coração gigante
Toda a noite a bater
Contra os rochedos.

Bernardete Falcão in «O mar é que teve a Culpa», 1961 (RGC, 241-242)

10. A ilha entre vivências opostas

Pavão observou que Nemésio e Mesquita denunciavam os dois paradigmas e os dois movimentos mais específicos da insularidade, cada um desloca-se em sentido oposto, ilustrando o seu poder de atração e de repulsão: «Num (Mesquita), o tédio, a ânsia de evasão, o drama do encarcerado; no outro, a identificação do homem/natureza, ou seja, aquele que, através de um sentimento telúrico, a entifica em si próprio, operando pelo instrumento da linguagem esse milagre da fusão. O mar, a distância, a neblina aproximam-nos. Num (Mesquita), o constante desejo de partir, que se contrapõe, no outro, à ânsia eterna de retorno, que se transporta do mundo da realidade contingente para a esfera do onírico.» (Pavão, 1988, 41):

Do livro «Alma»

(...)

É uma mágoa sem fim, uma tristeza doentia,
Uma saudade do quer que é, remoto, ausente...
Uma nostalgia d'au-delà, uma nostalgia
Dum País esfumado ao longe, vagamente...

(...)

AR DE INVERNO

(...)

Alma que vogas a gemer
Na tarde anémica de vento,
Como se infiltra no meu ser
O teu esparsos sofrimento!

(...)

Roberto de Mesquita in «Almas Cativas e Poemas Dispersos», 1973 (Silveira, P., 1977, 209 e

211)

Na minha terra

(...)

Na minha terra tão bela
Há amores brancos de arminho
A segredar na janela

*Esperanças cor de linho.
(...)
Na minha terra as crianças
Saltam pelos matagais,
A sorrir – pura esperanças,
Sonhos de ouro de seus pais.*

*E há mais do que estas gemas
Naquele branco paraíso:
(saudade!... Peito não fremas1...)
Há o Amor! Há o Sorriso!
(...)
Vitorino Nemésio in «Canto Matinal», 1916 (Obras Completas, vol. I, 29-30)*

Estas duas vivências poéticas e sensoriais opostas podem realmente ser consideradas como paradigmáticas do imaginário ilhéu: a aspiração de interioridade a de exterioridade. É também Pavão que nos recorda que Nemésio considerou, todavia, Mesquita como «o primeiro poeta que exprime alguma coisa de essencial na condição humana, tal como ela se apresenta nas Ilhas dos Açores». Segundo Nemésio, há em “Almas Cativas” «uma tristeza emotiva, quase climatérica, que aflora numa alma entorpecida pela humidade dos Açores», «uma solidão negra, enfastiada» que me relembra, pessoalmente, a expressão de abandono, de descrença e de falta de esperança denunciada por Almeida Firmino, o “ilhanizado”:

*ILHA SÓ
Minha ilha só
Enjeitada desde criança,
Nenhum lugar para a esperança.*

*Povo que não crê
Abala.
Muda de Terra
E fala
Minha ilha só,
Enjeitada desde criança,
Nenhum lugar para a esperança.
(...)
Almeida Firmino in «Não Queremos Bombas na Cidade», 1974 (RGC, 308-309)*

A limitação geográfica protege a ilha e o poeta do assalto das ondas, do real e dos desejos, a ilha convida para o silêncio e para a eternidade, todavia a intensidade da força de atração do seu centro, impossibilita uma fixação duradoura, convida à fuga, e dissolve o “eu” no todo. Qualquer ilha surge sempre como uma miragem, como um sonho impossível no meio mar:

*QUARTO / AS ILHAS AFORTUNADAS
(...)
São ilhas afortunadas,
São terras sem ter lugar
Onde o Rei mora esperando.
Mas, se vamos disputando,
Cala a voz e há só mar.
Fernando Pessoa in «Mensagem» (Obra Poética, 1981, 19)*

Bibliografia

- Al Berto. A Secreta Vida das Imagens. Lisboa, Contexto, 1991.
- Alleau, R. La Science des Symboles. Paris, éd. Payot, 1989.
- Andresen, Sophia de Mello Breyner. Obra Poética III. Caminho, 1991.
- Bachelard, Gaston. La poétique de l'espace. Presses Universitaires de France, 1957.
- Bachelard, Gaston. La Terre et les Rêveries de la volonté. Presses Universitaires de France, 1984.
- Buescu, Maria Leonor. António de Lacerda Bulcão: Trajetória do Açor e do Corvo in: “A simbólica do Espaço – Cidades, Ilhas, Jardins. Coordenação de Yvette Kace Centeno e Lima de Freitas. Lisboa, Editorial Estampa, 1991.
- Barros, João de. Crónicas do Imperador Clarimundo (1520), ed. Marques Braga, 3 vols., Lisboa, Sá da Costa, 1953.
- Carvalho, Ruy Galvão de. Antologia Poética dos Açores. Vol. II. Angra do Heroísmo. Secretariado Regional da Educação e Cultura, 1979.
- Champeaux et Sterckx, Introduction au Monde des Symboles. France, Ed. Zodiaque, 1981.
- Chevalier Jean, Gheerbrant, Alain. Dicionário dos Símbolos. Editorial Teorema, 1982.
- La Lusophonie voies/voix Océaniques. Colloque International de Littérature Université Libre de Bruxelles, Lidel, 1998.
- Durand, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Lisboa, Editorial Presença, 1989.
- Eliade, Mircea. Aspetos do Mito. Edições 70, 1963.
- Eliade, Mircea. Tratado de História das Religiões, Lisboa, Edições Cosmos, 1977.

- Freitas, Vamberto. O Imaginário dos Escritores Açorianos. Edições Salamandra.
- Genette Gérard. Introduction à l'architexte. Paris, Éditions du Seuil, 1979.
- Genette Gérard. Palimpsestes – La littérature au second degré. Paris, Éditions du Seuil, 1982.
- Gouveia, M. M. Maia (org.) Vitorino Nemésio - Estudo e Antologia. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1986.
- Hamilton, Edith. A Mitologia. 3.ª ed. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1983.
- Jung, Carl G. O Homem e seus Símbolos. Editora Nova Fronteira, 1964.
- Kristeva, Julia. Le texte du roman. Mouton Publishers, Paris. New York, 1979.
- More, Thomas. Utopia. Europa-América 3.ª ed.
- Navegação de S. Brandão nas fontes portuguesas medievais. ed. crítica de Aires A. Nascimento. Lisboa. Edições Colibri, 1998.
- Nemésio, Vitorino. Obras Completas vol. I – Poesia. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.
- Pavão, J. Almeida. Constantes de Insularidade numa definição de Literatura Açoriana in: Conhecimento dos Açores Através da Literatura. IX Semana de estudos dos Açores. Angra do Heroísmo. Instituto Açoriano de Cultura, 1988.
- Pessoa, Fernando. Obra Poética - volume único. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilhar, 1981.
- Pimentel, Fernando Vieira. "A ilha e o Mundo" de Pedro da Silveira: Vontade e destino in: Conhecimento dos Açores Através da Literatura. IX Semana de estudos dos Açores. Angra do Heroísmo. Instituto Açoriano de Cultura, 1988.
- Platão. Œuvres complètes II – traduction nouvelle et notes par Léon Robin. Éditions Gallimard, 1950.
- Silveira, Pedro da. Antologia de Poesia Açoriana – do século XVIII a 1975. Lisboa, Sá da Costa, 1977.

M.^a JOSÉ REIS GROSSO



MARIA JOSÉ GROSSO, FLUL é doutorada em Linguística Aplicada (2000) com a dissertação "O discurso metodológico do ensino do português em Macau a falantes de língua materna chinesa", estudo resultante da sua permanência em Macau como docente na Universidade de Macau e como diretora do Centro de Língua Portuguesa no Instituto Português do Oriente.

Mestre em Linguística Portuguesa Descritiva (1987). Coordenadora do Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa.

As suas áreas de estudo e de lecionação centram-se na Linguística Aplicada ao Ensino de Português (PLE/PL2) e nas áreas referenciais a ela ligadas, nomeadamente Ensino, Aprendizagem, Avaliação (PLE/PL2), Divulgação e Política de Língua, Didática das Línguas e Estudos Interculturais; nas áreas referidas, tem orientado teses de mestrado e de doutoramento, desenvolvido projetos, escrito artigos vários e feito formação de professores em Portugal e no estrangeiro.

Um olhar açoriano sobre Macau

MARIA JOSÉ GROSSO, UNIVERSIDADE DE LISBOA (FLUL)

SINOPSE

Este texto pretende dar a conhecer a escrita de intelectuais açorianos que, passando por Macau ou se estabelecendo naquele exíguo espaço, com caráter permanente ou pontual, fizeram daquele território objeto da sua escrita. A temática referente a Macau tem, ao longo de décadas, evidenciado as várias faces de vivências longínquas, permitindo desta forma um maior conhecimento da sua diversidade social, cultural e linguística. Entre os muitos açorianos que sobressaem em Macau e que tiveram um papel relevante na vida social e intelectual do território, destacamos a figura de D. João Paulino de Azevedo e Castro, pela sua relação à educação, ao ensino das línguas, e principalmente pela sua ligação indissociável à divulgação da Língua e Cultura Portuguesa; D. João Paulino, através de uma escrita carregada de sentido, não só interpreta o que vê, mas também intervém de forma significativa, projetando mudanças que se refletirão na transformação do ensino/aprendizagem da língua portuguesa e no próprio planeamento linguístico associado à atividade missionária na Ásia.

Antes de falarmos do tema a abordar neste texto, começaremos por ligar Macau e Açores, apesar de distantes e muito diferentes, numa relação natural evocada por quem conhece ou viveu nos dois lugares, analogia mais sentida do que real, passando pela exiguidade do espaço, pelas curtas distâncias e por experienciar o tempo que se multiplica nas mil coisas que se fazem e por nos trazer à memória a ideia que os espaços pequenos